

A América Latina resiste? Autoritarismo e Imperialismo através de *O Senhor Presidente* e *Cem Anos de Solidão*

Thiago Madeira¹
ORCID: 0000-0001-6808-734X

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo realizar uma análise de dois clássicos do realismo mágico na região latino-americana, *O Senhor Presidente*, do guatemalteco Miguel Ángel Asturias, e *Cem Anos de Solidão*, escrita pelo autor colombiano Gabriel García Márquez, procurando relacionar a trajetória dos autores, assim como suas respectivas obras, com o contexto político-social vivenciados. Neste sentido, procura compreender como é construída a figura dos políticos autoritários e a lógica de poder imperialista na América Latina a partir do conteúdo das obras e do contexto de suas produções, utilizando-se, como ferramentas, conceitos como a “servidão voluntária” do francês Étienne de La Boétie e o “super-homem” de Friedrich Nietzsche, além do uso de fundamentos socioantropológicos latinos, a partir de intelectuais como Darcy Ribeiro, Octavio Ianni, Eduardo Galeano e Claude Lévi-Strauss. Pode-se concluir que tais produções literárias foram fundamentais como uma denúncia alegórica das contradições da modernização e do progresso ocidental, onde a região resiste à sua maneira a um passado que ainda se insiste presente, e onde este, enquanto não superado, é incorporado à realidade da atual identidade latina.

120

Palavras-chave: Literatura. América Latina. Política. Autoritarismo. Arte.

¹ Doutorando em Ciências Sociais pela UNICAMP, é também Mestre em Ciências Sociais (2023) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e possui graduação em Relações Internacionais (2018) pela mesma universidade. Publicou, no ano de 2023, o livro *O Exílio Tropical - Vidas forçadas de artistas brasileiros no exterior* pela Kotter Editorial. Foi integrante do Grupo de Estudos sobre Conflitos Internacionais (GECI) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo entre os anos de 2017 e 2020. Tem interesse em discussões relacionadas s temáticas do campo das Artes, Cultura e Autoritarismo Político. E-mail: thimaisago@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4132104366069629>

Abstract: This work aims to analyze two classics of *magical realism* in the Latin American region, “The Lord President”, by Guatemalan Miguel Ángel Asturias, and “One Hundred Years of Solitude”, written by Colombian author Gabriel García Márquez, seeking to relate the trajectory of the authors, as well as their respective works, with the political-social context experienced. In this sense, we propose an analysis of the content and context of their productions, using as tools concepts such as “voluntary servitude” by the Frenchman Étienne de La Boétie and the “superman” by Friedrich Nietzsche, in addition to the use of socio-anthropological foundations, based on the collaboration of the thought of intellectuals such as Darcy Ribeiro, Octavio Ianni, Eduardo Galeano and Claude Levi-Strauss. It can be concluded that such literary productions were fundamental as an allegorical denunciation of the contradictions of modernization and Western progress, where the region resists in its own way a past that still insists on being present, and where this, while not overcome, is incorporated into the reality of the current Latin identity.

Keywords: Literature. Latin America. Politics. Authoritarianism. Art.

Resumen: El presente trabajo tiene como objetivo realizar un análisis de dos clásicos del *realismo mágico* en la región latinoamericana, “El Señor Presidente”, del guatemalteco Miguel Ángel Asturias, y “Cien años de soledad”, escrito por el autor colombiano Gabriel García Márquez, buscando relacionar la trayectoria de los autores, así como sus respectivas obras, con el contexto político-social que vivieron. En este sentido, se propone un análisis del contenido y contexto de sus producciones, utilizando como herramientas conceptos como la “servidumbre voluntaria” del francés Étienne de La Boétie y el “superhombre” de Friedrich Nietzsche, además del uso de términos sociales e antropológicos, a partir de la colaboración del pensamiento de intelectuales como Darcy Ribeiro, Octavio Ianni, Eduardo Galeano y Claude Levi-Strauss. Se puede concluir que tales producciones literarias fueron fundamentales como denuncia alegórica de las contradicciones de la modernización y el progreso occidental, donde la región resiste a su manera un pasado que aún insiste en estar presente, y donde éste, si bien no es superado, se incorpora a la realidad de la identidad latina actual.

Palabras clave: Literatura. América Latina. Política. Autoritarismo. Arte.

Introdução

O presente trabalho busca analisar dois clássicos do realismo mágico latino-americano, *O Senhor Presidente*, de Miguel Ángel Asturias, e *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel García Márquez. O objetivo é relacionar a trajetória dos autores e de suas obras com o contexto político-social em que foram produzidas. O título é uma alusão à obra *A América Latina Existe?* de Darcy Ribeiro, e a análise procura identificar pontos de convergência na construção do imaginário de progresso, autoritarismo e intervencionismo na região². A análise busca compreender como a figura do político autoritário e a lógica do poder imperialista foram construídas na literatura a partir de obras que se valem de conceitos como “servidão voluntária” de Étienne de La Boétie e “super-homem” de Friedrich Nietzsche. O método adotado é a análise crítica das obras, com foco na interpretação filosófica e na crítica cultural, utilizando fundamentos socioantropológicos de intelectuais como Darcy Ribeiro, Octavio Ianni e Eduardo Galeano (e o Lévi-Strauss?).

O *Senhor Presidente* e a Denúncia do Autoritarismo

123

Nascido na Cidade da Guatemala, Miguel Ángel Asturias (1899 – 1974) foi um dos mais influentes escritores latinos, laureado com honrarias como o Prêmio Lenin da Paz no ano de 1965 e o Prêmio Nobel de Literatura em 1967. Deputado e diplomata reconhecido pela defesa de causas vinculadas aos direitos humanos, entre os anos de 1923 e 1933 Asturias esteve em exílio na cidade de Paris, capital francesa, devido ao regime ditatorial que aplacava (?) seu país. Nesse período, de fundamental influência em sua carreira literária, ele se associou a membros do movimento surrealista, como André Breton, e a outros futuros escritores latino-americanos, como o venezuelano Arturo Uslar Pietri e o cubano Alejo Carpentier.

Nesse período exilado, ele escreve uma de suas obras mais célebres, *O Senhor Presidente*. A obra, no entanto, seria publicada somente 13 anos mais tarde, em 1946, devido à ditadura, agora comandada por Jorge Ubico (1931-1944), que ainda assolava a Guatemala. Esta é uma das obras literárias que marcam o que ficaria conhecido como o início do realismo mágico na América Latina.

² Conforme indica Octavio Ianni, “a figura do ditador é uma das imagens mais frequentes no pensamento latino-americano.” (IANNI, 1983, p. 87)

O realismo mágico foi um movimento artístico e literário situado principalmente na América Latina do século XX, e que tinha como característica combinar elementos que se associam à realidade e à vida cotidiana juntamente com acontecimentos lúdicos e exagerados, naturalmente integrados à narrativa. O movimento também reflete a fusão das diferentes culturas locais de povos originários indígenas e africanos, somadas à modernização europeia e à dura realidade da região.

O livro de Astúrias foi inspirado no governo de Manuel Estrada Cabrera (1898–1920), ditador da Guatemala durante 22 anos e o governante mais longo do país. Esse período foi marcado por um regime autoritário, caracterizado por uma enorme centralização de poder, perseguição a opositores e tortura. “O medo, a insegurança, o pânico que envolvem as pessoas em seu romance, são uma recriação do medo, insegurança e pânico que o povo viveu sob a ditadura de Estrada Cabrera”. (IANNI, 1983, p. 89)

O governo de Cabrera também promoveu a chegada da empresa norte-americana United Fruit Company (UFC), instalada no país a partir de 1901. Com argumentos como “a vinda da modernização e do progresso”, a UFC adquiriu quase o monopólio da exploração de bananas e outras frutas tropicais exportadas na região. A empresa se expandiu não somente pela Guatemala, mas por toda a América caribenha, em países como Panamá, Costa Rica, Equador e Colômbia. A chegada da companhia no início do século XX cunhou a expressão “república das bananas”, que se refere de forma pejorativa a países latinos como submissos ao imperialismo e a essas indústrias transnacionais.

A companhia exportadora, que se tornou a maior proprietária de terras na Guatemala na década de 1930, ao ganhar diversas concessões e privilégios fiscais, exerceu grande influência na América Latina. Ela teve um papel fundamental na forte interferência dos EUA nos países da região, bem como no apoio aos golpes de Estado que se sucederam nesse período. Como aponta Eduardo Galeano:

Desde o princípio do século apareceram também, em Honduras, Guatemala e Porto Rico, os enclaves bananeiros. Para levar o café aos portos, tinham sido construídas algumas ferrovias financiadas com capital nacional. As empresas norte-americanas se apossaram dessas ferrovias e construíram outras, exclusivamente para o transporte de banana desde as plantações, ao mesmo tempo que implantaram o monopólio dos serviços de luz elétrica, correio, telégrafo, telefone,

serviço público e, não menos importante, também o monopólio da política: em Honduras, “uma mula custa mais do que um deputado”, e em toda a América Central os embaixadores dos Estados Unidos presidem mais do que os presidentes. A United Fruit Co. engoliu seus concorrentes na produção e venda de bananas, transformou-se na principal latifundiária da América Central, e suas filiais açambarcaram o transporte ferroviário e marítimo. Tornou-se dona dos portos, dispondo da alfândega e polícia próprias. O dólar se converteu, de fato, na moeda nacional centro-americana. (GALEANO, 2010, p. 128)

Este foi um momento na América Central, no final do século XIX, em que houve uma forte presença de políticos liberais e de um ideário de “modernização”. Quando as elites locais e os proprietários dessas empresas exportadoras de banana e café, sobretudo os da United Fruit Company, não conseguiam chegar a um acordo, as tensões eram resolvidas pelos Estados Unidos, às vezes com intervenções diretas. Um exemplo é o golpe promovido pela CIA na Guatemala em 1954 a pedido da UFC.³

Figura 1 – Emblema da United Fruit Company



Fonte: Spycraft 101⁴

³ Ver mais em “Conceitos de RI: República de Bananas, com Roberto Moll | EDCC”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oDXtdDG_Thw&list=WL&index=132&t=28s

⁴ <https://shop.spycraft101.com/products/united-fruit-company-logo-sticker>

O livro expõe as contradições de um Estado autoritário e violento, que se associa à elite burguesa e religiosa dessa sociedade, para se perpetuar no poder. Seu enredo é dividido em três partes (“*Primeira parte* – 21, 22 e 23 de abril”; “*segunda parte* – 24, 25, 26 e 27 de abril”; “*terceira parte* – Semanas, meses, anos...”), que mostram acontecimentos em um curto espaço de tempo de aproximadamente uma semana.

No romance de Miguel Astúrias, o medo, a insegurança e o pânico que envolvem as pessoas, são uma recriação da insegurança e pânico que o povo viveu sob a ditadura de Estrada Cabrera. Assim, o autor expõe como se tende o desenvolvimento de uma *servidão voluntária*, elaborada por La Boétie, ao mostrar a submissão do povo a um tirano, cuja ascensão ao poder é baseada no medo e na manipulação.

O Senhor Presidente (o qual, ao longo da obra, nunca é referido nominalmente, de modo que, para o leitor, ele é apenas o cargo que ocupa), na obra, utiliza a morte de um coronel leal não para buscar justiça, mas para incriminar um opositor político, o general Canales, e consolidar seu poder.

Para isso, arma um plano em conjunto com aquele tido como seu braço direito, Miguel Cara de Anjo, no qual o *favorito* (assim como Cara de Anjo era conhecido), deveria avisar o tal general que pretendiam matá-lo e apoiá-lo em sua fuga. Ao tentar escapar, Canales seria morto com o alibi da culpa do assassinato do coronel Parrales. Neste momento, Cara de Anjo rapta também a filha do general, Camila, por quem acaba se apaixonando e posteriormente se casando. Os prisioneiros, para os quais o senhor presidente é o único juiz capaz de sentença válida, para que confessassem algo que corroborasse aos interesses do governo (como, por exemplo, forçar os mendigos da catedral a testemunharem contra o general Canales), eram colocados em situações de tortura física e psicológica, em condições indignas de alimentação, saúde e cuidados básicos.

No capítulo XVIII – “CONVERSA À SOMBRA” – um diálogo entre o advogado Carvajal, também incriminado por envolvimento no assassinato do coronel Sonriente, um estudante e um sacristão, todos prisioneiros acusados de conspiração contra o regime totalitário e próximos de serem levados a fuzilamento, sintetiza seu desencantamento social e a falta de perspectiva por um julgamento justo:

-...Não há esperança de liberdade, amigos; estamos condenados

a suportar isso até que Deus queira. Os cidadãos que ansiavam pelo bem da Pátria estão longe; uns pedem esmolas em casa alheia, outros apodrecem a terra em vala comum. Um dia desses as ruas irão se fechar horrorizadas. As árvores já não dão frutos como antes. O milho já não alimenta. A água não mais refresca. O ar se faz irrespirável. As pragas se seguem às pestes, as pestes, às pragas, e não vai demorar que o terremoto acabe com tudo. Meus olhos verão, porque somos um povo maldito! **As vozes do céu gritam para nós quando troveja: “Gente vil, imunda, cúmplice da iniquidade!”**. Nas paredes das prisões, centenas de homens deixaram seus miolos explodidos por balas assassinas. **Os mármores do Palácio estão úmidos do sangue de inocentes. Para onde voltaremos o olhar em busca de liberdade?** (ASTÚRIAS, 2016, p. 259, grifo meu)

Neste sentido, no qual a América Latina é construída em um contexto servil aos interesses estrangeiros e de submissão aos seus governantes autoritários, em que o filósofo Étienne de La Boétie questiona o porquê de uma aparente aceitação popular à opressão tirânica, frente à força que estes poderiam ter caso se unissem contra àqueles que os colocam em situação de subserviência.

É natural no homem o ser livre e o querer sê-lo; mas está igualmente na sua natureza ficar com certos hábitos que a educação lhe dá.

Diga-se, pois, que acaba por ser natural tudo o que o homem obtém pela educação e pelo costume; mas da essência da sua natureza é o que lhe vem da mesma natureza pura e não alterada; assim, a primeira razão da servidão voluntária é o hábito: provam-no os cavalos sem rabo que no princípio mordem o freio e acabam depois por brincar com ele; e os mesmos que se rebelavam contra a sela acabam por aceitar a albarda e usam muito ufanos e vaidosos os arreios que os apertam.

Afirmam que sempre viveram na sujeição, que já os pais assim tinham vivido. Pensam que são obrigados a usar freio, provam-no com exemplos e com o fato de há muito serem propriedade daqueles que os tiranizam.

Mas a verdade é que os anos não dão o direito de se praticar o mal, antes agravam a injúria. (LA BOÉTIE, 2006, p. 29)

Adiante na história, em uma festa promovida para angariar apoio e prestígio da burguesia local, – descrita no capítulo XXXVII – “O BAILE DE TOHIL”⁵ – à época das eleições, evoca-se aqui, em um discurso inflamado, o

⁵ Tohil é o deus da chuva na mitologia Maia-Quiché.

conceito de ‘super-homem’ de Nietzsche sendo, de maneira extremamente deturpada, apropriado pela propaganda do regime. No ‘Baile de Tohil’, o ditador é louvado como um ser superior, um ‘enxerto quase divino’ que aperfeiçoa a democracia. No entanto, a obra expõe a hipocrisia dessa figura, revelando-o como um tirano paranoico e vingativo, incapaz de lealdade até mesmo ao seu braço direito.

O discurso ainda exalta, em um contexto de um período entreguerras, de crise e tensionamentos no continente europeu, a possibilidade nas Américas de um espaço que reine um governo que privilegie os interesses de uma elite preocupada unicamente com a manutenção de seus privilégios. “(...) A Democracia acabou com os Imperadores e os Reis na velha e fatigada Europa, mas, é preciso reconhecer, e reconhecemos, que transplantada à América sofre o enxerto quase divino do Super-homem e dá textura a uma nova forma de governo: a Superdemocracia”. (ASTÚRIAS, 2016, p. 322)

É neste mesmo baile que o presidente, tomando conhecimento do que consideraria uma traição por parte de seu então *favorito*, que se envolveria com a filha de seu inimigo Canales, o armaria um fim trágico.

Miguel Cara de Anjo seria enviado em uma missão aos Estados Unidos para descobrir se autoridades locais estariam considerando retirar o apoio à sua reeleição no país. “Refiro-me aos que tentam influenciar a opinião norte-americana a fim de que Washington me retire seu apoio. (...) Preciso que vá e me informe o que está acontecendo”. (ASTÚRIAS, 2016, p. 324) Ao desembarcar do trem, em direção ao navio que o levaria à América do Norte, Miguel seria sequestrado pelo próprio exército oficial. Considerado desaparecido, seria levado à prisão e à tortura até seus últimos dias em um calabouço.

Sobre essa relação ao fio da navalha entre os tiranos com até mesmo seus subordinados mais próximos, o francês Étienne de La Boétie reflete que:

Quanto ao tirano, nem os próprios **favoritos** podem ter confiança nele, pois aprenderam por si que ele pode tudo, que não há direitos nem deveres a que esteja obrigado, a sua única lei é a sua vontade, não é companheiro de ninguém, antes é senhor de todos. Quão dignos de piedade, portanto, são aqueles que, perante exemplos tão evidentes, face a um perigo tão iminente, não aprendem com o que outros já sofreram! (LA BOÉTIE, 2006, p. 53, grifo meu)

Neste sentido, *O Senhor Presidente* é um romance que sintetiza alegoricamente o contexto do autoritarismo político latino-americano, expõe e denuncia as consequências de um estado violento que caracterizou boa parte dos países da região ao longo do século XX, contando com o intervencionismo norte-americano e das elites locais. Através de sua narrativa, o livro expõe as atrocidades de um regime ditatorial, e mostra como as relações sociais são afetadas, transformando culturalmente a sociedade em um espaço marcado pela desconfiança e pelo isolamento.

***Cem Anos de Solidão* e o Imperialismo Econômico e Cultural**

O colombiano Gabriel García Márquez (1927 – 2014), também conhecido pelo apelido “Gabo”, atuou como jornalista, político e ativista e foi um dos escritores latinos do século XX que angariou maior prestígio ao redor do globo. No ano de 1972 recebe o Prêmio Internacional Neustadt de Literatura, e posteriormente, em 1982, o autor receberia também o Prêmio Nobel de Literatura.

Seu avô participaria (?) da Guerra dos Mil Dias, conflito que ocorreu entre 1899 e 1902, resultando na morte de mais de 100 mil pessoas e na perda territorial da região que se tornaria o Panamá independente. No ano de 1955, Márquez, assim como Astúrias, vai morar em Paris, o que propicia o contato e a influência de artistas de vanguarda e autores como Franz Kafka. Essa mistura de influência entre as histórias da tradição familiar/local, e seu contato com as vanguardas europeias, seriam de fundamental impacto na construção da identidade destes artistas.

Cem Anos de Solidão, obra de García Márquez tida como uma das principais responsáveis por popularizar o realismo mágico latino americano ao resto do mundo, foi publicada pela primeira vez em maio do ano de 1967. Seu enredo se dá a partir da união de José Arcádio Buendía e Úrsula Iguarán, primos que se casam e têm três filhos de sangue (José Arcádio, Amaranta e Aureliano) e uma filha adotiva (Rebeca).

O casal enfrenta inicialmente resistência frente ao desejo de terem filhos, uma vez que uma história contada através de gerações fomenta o medo de que a *relação de parentesco de ambos* faça com que sua prole nasça com partes de animais. Neste sentido, onde “seus próprios parentes trataram de impedir [que

procriassem], tinham o temor de que aqueles saudáveis expoentes de duas raças secularmente entrecruzadas passassem pela vergonha de engendrar iguanas”. (MÁRQUEZ, 2022, p. 27)

José Arcádio e Úrsula decidem partir da aldeia em que habitam juntamente de outros jovens companheiros, em uma empreitada a um lugar tão distante que não precisassem carregar as histórias e os medos de seus antepassados. Exaustos de uma longa peregrinação por terras inabitadas, José Arcádio decide por fundarem Macondo, comunidade cujo nome sem significado obtém através de um sonho. A princípio isolados em uma região nas Américas, o mundo a eles era tão recente que “muitas coisas ali nem tinham ainda sido nomeadas”.

Os desdobramentos sofridos na estrutura das sete gerações dos membros da família Buendía, se atrelam às alterações sociais com as diversas intervenções em torno da comunidade, através de uma narrativa que envolve os mitos das culturas regionais, a tradição e o modo de vida local impactados com a chegada de um Estado que passa a reivindicar como seu o que ali foi construído, assim como com a interferência civilizatória advinda da Europa e da América do Norte.

A partir de uma ideia que se relaciona com o conceito de *eterno retorno*, advinda da filosofia de Nietzsche, basicamente todos os Buendía estão fadados à repetição da personalidade e dos conflitos não superados pelas gerações anteriores (os repetidos nomes dados àqueles que vão nascendo simbolicamente demarca isso), no qual todos amargam como destino à solidão, à morte ou à loucura.

A exemplo do primeiro morador de Macondo, José Arcadio Buendía, que de um homem que se demonstra fascinado pela ciências e pela tecnologia, se isolando do novo mundo que ele mesmo ajudou a conceber para se aprofundar nos mistérios da alquimia junto ao cigano Melquíades, tem um final de um personagem desolado e desconectado da realidade, também em um forte diálogo com a obra, Etienne de La Boétie sintetizaria em seu ensaio que “(...) a alienação é demasiado doce (como um refrigerante) e a liberdade demasiado amarga, porque está demasiado próxima da solidão. E da loucura”. (LA BOÉTIE, 2006, p. 3)

Ao longo dos anos, a região cada vez mais se moderniza, ampliando sua estrutura, e, através de moedas de ouro, solidifica o comércio local. Acompanhando o ritmo desta evolução, Ursula decide ampliar a casa da família que também continua a aumentar. Pietro Crespi, personagem-símbolo destas mu-

danças, é o responsável pela entrega de um piano que agora incorpora a residência dos Buendía. Ao se apaixonar por Rebeca, o italiano migra em definitivo da sociedade europeia para Macondo, e instala um comércio local de instrumentos musicais, que carregam consigo os símbolos da cultura do Ocidente.

Rebeca, porém, troca Pietro ao se apaixonar pelo irmão, José Arcádio. É neste sentido que, em outro caso de relação intrafamiliar dos Buendía, o casamento que se dá entre os irmãos é recebido pelo entorno de forma extremamente negativa, como sendo este um movimento fora da “ordem natural do mundo”. Novamente, observa-se como a relação incestuosa é compreendida como não pertencente às “leis naturais” e às “leis dos homens”, provocando a rejeição e a repulsa social.⁶ Nas palavras do noivo traído de Rebeca, Pietro Crespi, o ato seria algo “contranatural”, o qual “a lei proíbe”. (MÁRQUEZ, 2022, p. 105) Depois de ser trocado pela ex-companheira, Crespi apaixona-se novamente por outra filha do casal Buendía. Ao ter seu pedido de casamento negado e seu amor rejeitado por Amaranta, o italiano tem o suicídio como fim.

Adiante na história, chega a Macondo junto da esposa e filhas o delegado Dom Apolinar Moscote, autoridade do governo que tem a missão de representar a lei e a defesa da ordem. Contrariando àqueles que construíram a comunidade com suas próprias mãos, o delegado logo é visto como inimigo ao querer pintar a faixa das casas de azul, cor que representa o governo conservador. Aureliano, filho do casal Buendía, se apaixona pela filha mais nova do algoz, Remédios Moscote.

Selando a paz entre ambas as famílias, Dom Apolinar concede a mão de Remédios a Aureliano, com a condição de um casamento entre ambos. É neste contexto que somos apresentados ao padre Nicanor, quem introduz religiosidade e os valores da cristandade no povoado. Simbolicamente, temos a construção de uma igreja, onde Aureliano José, filho bastardo de Aureliano, seria então batizado.

Com a morte pós-parto de Remédios, em uma conversa com o então genro Aureliano, Dom Apolinar reforçaria o pedido ao agora viúvo para que

⁶ A ideia do mito do incesto, elaborada pelo antropólogo francês Claude Lévi-Strauss (1908 – 2009), em sua obra *As Estruturas Elementares do Parentesco*, analisa como a proibição do incesto é necessária para que se projete para fora do grupo natural as irmãs e filhas da família e estabeleçam-se, a partir de tal, laços de aliança social. A proibição, desta maneira, está diretamente vinculada com a produção da cultura e da vida do homem em sociedade. (LÉVI-STRAUSS, 1982)

“Torne-se a casar, Aurelito’, dizia o sogro. ‘Tenho seis filhas para você escolher’”. (MÁRQUEZ, 2022, p. 108) Há, deste modo, a intenção de reforçar a união entre as famílias Buendía e Moscote, como aponta Lévi-Strauss. Para o antropólogo, os homens estão se comunicando através da *troca de mulheres*, estabelecendo assim os vínculos de parentesco.

Devido aos abusos de poder do regime conservador, envolvendo a adulteração nas primeiras eleições de Macondo, Arcádio e outros fundadores do povoado passam a integrar o grupo revolucionário que representa o Partido dos Liberais. Aureliano, que até então era o braço direito de Dom Apolinár Moscote, depois de testemunhar a corrupção do regime conservador, vira de lado, e toma o poder do povoado ao lado dos liberais.

Com a chegada do exército e das autoridades de governo na região, uma série de conflitos começam a emergir. Durante o período em que Macondo esteve envolvida em guerras, “certas mães enviavam as filhas aos dormitórios dos guerreiros mais notáveis para, conforme elas mesmas diziam, aprimorar a raça” (MÁRQUEZ, 2022, p. 139), o que pode ser compreendido como tentativa de evocar um certo *evolucionismo social*. Esta noção da ideia de *raças* foi popularizada por Arthur de Gobineau em seu *Essai sur l'inégalité des races humaines*⁷ (1853/55), no qual o diplomata francês toma partido a favor da tese segundo a qual a humanidade poderia ser dividida em várias raças distintas, as quais seriam passíveis de serem tratadas em uma base hierárquica.

É dentro deste contexto que Lévi-Strauss publica seu texto “Raça e História”, no ano de 1952⁸. O autor compreende que o progresso não é patrimônio de uma única cultura, mas o resultado da colaboração voluntária ou involuntária de diversas culturas. Neste sentido, a série progressiva só acontece em regime de *coligações culturais*, onde, através das trocas, guerras e anexações, as diversidades culturais se uniriam para formar um conjunto.

“[...] todo *progresso* cultural é função de uma coligação entre culturas. Essa coligação consiste na partilha (consciente ou inconsciente, voluntária ou involuntária, intencional ou acidental, desejada ou imposta) das *chances* que cada cultura encontra em seu

⁷ Em tradução para o português, “Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas”.

⁸ Este texto foi escrito por encomenda da UNESCO, a organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, como parte de uma coleção cujo objetivo era combater o racismo científico, no qual Gobineau ajudou a dar força ideológica.

desenvolvimento histórico; enfim, admitimos que essa coligação é bem mais fecunda quando ela se estabelece entre culturas mais diversificadas.” (LEVI-STRAUSS, 1976, p. 363)

A partir das diversas interferências externas em Macondo, com a chegada de povos ciganos, de alquimistas, agentes do governo, soldados europeus e principalmente com o contexto da guerra para a disputa do poder político entre os conservadores e os rebeldes liberais, o povoado se torna, de acordo com a *teoria probabilística*, uma sociedade com alto grau de temperatura histórica. Para Strauss, quanto maior o encontro entre culturas diferentes, maior a probabilidade de aumento de sua aceleração histórica. (LÉVI-STRAUSS, 1976)

Assim, a articulação dessas diferentes culturas na comunidade levou a uma forma acumulativa de história, resultado de um jogo que se estabeleceu no contato entre várias sociedades, culminando nas constantes mudanças em Macondo. “Para Lévi-Strauss, o progresso é um jogo e a história humana é o resultado das apostas dos vários jogadores (que são as diversas culturas). Esse jogo somente ocorre se houver a diversificação.”⁹

É também a partir de uma ideia deturpada em defesa de um “progresso” social que, no livro de García Márquez, a região começa seu declínio: com a chegada da Companhia Bananeira, empresa que tinha por objetivo a extração e a exportação das bananas em Macondo, uma atividade que a princípio parece gerar um surto de prosperidade, empregos e modernização.

A sua chegada é uma *alegoria do imperialismo econômico* descrito por Eduardo Galeano. O controle da empresa sobre a economia e a imposição de um estilo de vida segregado não são apenas elementos narrativos, mas uma representação simbólica de como as companhias transnacionais manipulavam os países latino-americanos.

A Companhia impõe uma separação rígida entre os estrangeiros e os locais, que se reflete em uma nova arquitetura local, com bairros distintos para os executivos estrangeiros e para os trabalhadores da empresa, por exemplo. A história também evidencia as paupérrimas condições de trabalho dos empregados, o que motiva José Arcádio Segundo a promover uma greve, que acabaria em um massacre pelas forças policiais que, no conflito, matariam a tiro os manifestantes.

⁹ CABRAL, João Francisco Pereira. “A diversidade cultural em Lévi-Strauss”. *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/a-diversidade-cultural-levi-strauss.htm>. Acesso em 27 de novembro de 2022.

O massacre, embora negado oficialmente, torna-se um evento decisivo, pois marca a decadência de Macondo e simboliza a destruição de parte da cultura local pelo poder do imperialismo econômico.

Fernanda regressou a Macondo num trem protegido por policiais armados. Durante a viagem notou a tensão dos passageiros, o aparato militar nos povoados da linha e o ar rarefeito pela certeza de que alguma coisa grave ia acontecer, mas careceu de informação até que chegaram a Macondo e lhe contaram que José Arcádio Segundo estava incitando os trabalhadores da Companhia Bananeira a fazerem greve. (MÁRQUEZ, 2022, p. 320)

O Massacre das Bananeiras foi um acontecimento real que inspirou a versão fictícia do livro. Ocorreu em 6 de dezembro de 1928, na cidade de Aracataca, Colômbia. O governo do conservador Miguel Méndez enviou o exército para acabar com uma greve dos trabalhadores da United Fruit Company, que reivindicavam por melhores condições de trabalho. O número de mortos é desconhecido, mas estimativas falam em cerca de 2.000 vítimas. O governo à época encobriu o massacre. Sobre todas as mazelas sociais que a exploração de bananas pela UFC causou no Caribe, Eduardo Galeano sintetizaria que:

O *Corão* menciona a bananeira entre as árvores do paraíso, mas a *bananização* da Guatemala, Honduras, Costa Rica, Panamá, Colômbia e Equador permite suspeitas de que se trata de uma árvore do inferno. Na Colômbia, a United Fruit já se tornara dona do maior latifúndio do país quando, em 1928, eclodiu uma grande greve na costa atlântica. Os trabalhadores bananeiros foram aniquilados a tiros, na frente de uma estação ferroviária. Um decreto oficial tinha sido publicado: “Os homens de força pública estão autorizados a castigar pelas armas...”, e depois não houve necessidade de editar nenhum decreto para apagar a matança da memória oficial do país. (GALEANO, 2010, p. 130)

Contestando a propensão à sujeição voluntária na qual La Boétie propõe, já aqui mencionada anteriormente, as reflexões do sociólogo brasileiro Octavio Ianni questionam tal ideia, uma vez que, para ele: “Apesar de padecer a tirania, medo, tortura, terror, o povo reage, retrabalha e recria a tirania a seu modo. Diante da força, brutalidade e boçalidade do ditador e seu bando, o povo luta tanto prática, quanto imaginariamente”. (IANNI, 1983, p. 100) É neste sentido que as revoltas presentes nestas obras mostram o poder popular para, mesmo frente ao massacre e à violência, conjecturar uma nova realidade e provocar o

avanço da história nesta direção. Apesar do esforço da tirania para o apagamento de determinadas memórias latinas, (?)

Se em *O Senhor Presidente* há um foco em uma denúncia ao caráter repressivo dessa sociedade, por sua vez, em *Cem Anos de Solidão*, soma-se a isso a imposição de uma forma de vida alinhada com os valores sociais e políticos europeus e norte-americanos em benefício próprio, sendo pedra fundamental que marca a construção da identidade das comunidades latinas. Assim, novamente conforme o pensamento de Octavio Ianni: “Sob várias formas, a literatura reage à tirania, trabalhando-a em todas as suas implicações. Em lugar de negá-la, ou apenas combatê-la, examinando-a por fora, afirma-a. Trabalhando a tirania por dentro, levando-a às suas consequências necessárias e ocasionais, lógicas e insólitas, trágicas e grotescas”. (IANNI, 1983, p. 88)

Abaixo, a obra do muralismo mexicano de Diego Rivera¹⁰ ajuda a sintetizar o conluio das elites locais e as forças militares, com o simbólico aperto de mão do empresário e os oficiais do exército, ao centro do quadro. O intervencionismo norte-americano é retratado através da exploração dos latinos que carregam os grandes sacos de banana da United Fruit Company em direção ao navio que tem como destino os Estados Unidos da América. Evidencia-se ainda os vínculos deste esquema com a religião católica cristã, com a figura de um padre à direita da pintura, em detrimento de uma população massacrada, onde, enquanto alguns tentam se rebelar, outros se encontram deitados em sangue na parte inferior da imagem.

¹⁰ Diego Rivera (1886–1957) foi um dos mais importantes artistas do México e uma figura central no movimento do muralismo mexicano, que buscava retratar a história, a cultura e as lutas sociais do país através de grandes murais públicos. Rivera é amplamente reconhecido tanto por suas contribuições artísticas quanto por seu impacto político e cultural.

Figura 2 – *Gloriosa Victoria*, de Diego Rivera (1954)

Fonte: Wikipedia¹¹

Considerações Finais

Conclui-se que as obras analisadas colaboram significativamente para a compreensão da aliança entre as forças armadas e as elites locais com os interesses do capital estrangeiro. Elas também evidenciam a repetição desse vínculo com o passado colonial.

Utilizando uma linguagem vanguardista, que define uma concepção estética fundamentalmente latina, ambas as produções serviram como uma denúncia alegórica das contradições da modernização e do progresso ocidental no contexto latino que continua se perpetuando até os dias atuais onde, ainda, a região é altamente dependente do setor agrícola, sendo um mercado fundamentalmente exportador dessas *commodities* no contexto internacional, possui ainda uma elite agrícola econômica e ideologicamente muito atrelada aos interesses estrangeiros.

A região ainda resiste, à sua maneira, a um passado que insiste em estar presente e que, enquanto não superado, é incorporado à realidade atual das “veias ainda abertas da América Latina”.

¹¹ https://en.wikipedia.org/wiki/Glorious_Victory

Referências

- ASTURIAS, Miguel Ángel. *O Senhor Presidente*. São Paulo: Mundaréu, 2016.
- GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- IANNI, Octavio. **Revolução e Cultura**. Coleção Retratos do Brasil, v. 163. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- LA BOÉTIE, Étienne de. **Discurso sobre a servidão voluntária**, Fonte Digital: L.C.C. Publicações Eletrônicas, 2006.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **As Estruturas Elementares do Parentesco** (tradução de Mariano Ferreira). Petrópolis: Vozes, 1982.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. “Raça e História”. In: **Antropologia estrutural II**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem Anos de Solidão**. 128ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém (Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- RIBEIRO, Darcy. **A América Latina Existe?** Brasília: Editora UNB, 2010.